

Título	As etapas d'A quarta cor	Autor	Ana Maria Maia
Data	2009	Artista	Cristiano Lenhardt
Publicação	MAIA, Ana Maria. <i>As etapas d'A quarta cor</i> . São Paulo: Paço das Artes, 2009.		

As etapas d'A quarta cor¹

COMEÇO

— A seguir trago alguns trechos em torno das investigações de uma quarta cor, os quais foram encontrados em livros médicos, livros de auto-ajuda, livros infantis, livros de botânica, livros de romance, livros de filosofia, livros de ficção científica, entre outros.

Apesar de a hipotética quarta cor ser alvo de pesquisas científicas, a literatura parece ser o principal campo que a investiga. Ai vai o primeiro: “Colorindo mapas, em 1850, o matemático francês Frabricius D'avignon desenvolveu uma teoria em torno daquilo que poderia ser uma escala cromática espacial. Em seu livro *Fabricar Sombras*, o autor francês escreve: Há muito tempo persigo essa cor, ela lembra a carne das romãs, os olhos gateados de Suzana e o tártaro dos dentes de Laura. Mas essa cor não é a mistura destas outras três, ela é a lembrança.” (Enciclopédia Bruster)

— Qual a imagem da lembrança? Seria a lembrança uma imagem? Ou seria, assim como na gravura, o resultado de uma marca, mais física e menos cênica, a revelação de um corpo não mais presente?

— A cor complementar é o negativo da presença. A ausência da emanção é a gravura fugaz do seu complementar. Tudo isso consta no olho. Eu posso criar uma lembrança?

— Acho que pode.

— Em alguns dias, a imagem da lembrança é um leite quente com café espumoso indo de uma xícara pra outra. Certas vezes são as moças bonitas que caminham num largo corredor de um prédio quadrado, sorrindo com seus grandes dentes e olhos pardos. Raramente, é o cheiro de roupa velha em guarda roupa com respiradouros redondos. Sempre é o gosto do último cigarro da noite. E em ocasiões especiais e em datas festivas é cor viva de parede de madeira.

— Eu posso lembrar o futuro. Meditar é lembrar o nada?

MÉTODO

— Vocês já foram hipnotizados? O que viram?

— Numa noite de inverno, na sala de minha casa, em 2000, fui hipnotizado, quando zapeava os canais de televisão. Uma pastora loira e de baixa estatura proferia frases densas e não compreensíveis, mas o som de sua voz rouca e a

¹ Trechos de conversa realizada em março de 2009 entre Cristiano Lenhardt, selecionado para a Temporada de Projetos 2009 do

Título	As etapas d'A quarta cor	Autor	Ana Maria Maia
Data	2009	Artista	Cristiano Lenhardt
Publicação	MAIA, Ana Maria. <i>As etapas d'A quarta cor</i> . São Paulo: Paço das Artes, 2009.		

luz do ambiente, o qual parecia um palco de programa infantil, me levaram a um estado de hipnose profunda. Comecei, então, a salivar e perder o olhar. Não lembro do que vi, mas guardo a estranha sensação de calma. Perdi a noção de tempo e espaço. Ao retomar a consciência, liguei imediatamente para um 0800 que aparecia na tela da TV. Escutei a seguinte gravação: “O mar e o céu são as virtudes do espaço. Quando juntos são Deus”. Acho que sou suscetível a este tipo de experiência sensorial.

— Algumas perguntas, talvez sem resposta: Qual o método pra ciência livre? Como a ciência pode proferir verdades poéticas?

— A criação não é exclusividade do campo das artes. O ser é um método. A ciência não é livre.

HIPÓTESE I: IMAGENS POSSÍVEIS

— Outro trecho: “João construiu um barco para atravessar todas as cores de seu quintal. O barco era feito de pétalas de flores e seus remos eram dois gafanhotos verde-manhã. João era muito pesado para o barco, mas, em sonhos, navegava por toda a extensão cromática de sua casa.” (O jardim de João)

— Extensão cromática. Um dado impreciso, subtraído. Talvez só na contenção de uma construção cênica e imagética se possa sugerir uma idéia de infinito. Recrear o todo particular que cabe nos vastos intervalos da imaginação.

— Esse todo particular contém a imensidão.

— O plano magnético é a primeira das coordenadas de um espaço tridimensional. Seria o infinito uma busca? Através dele, onde podemos chegar? Por quanto tempo?

— Através da experiência fictícia do plano magnético, podemos chegar às conclusões sobre nossa incapacidade de criar algo genuinamente novo. Mesmo que em pensamento. Sabe aquela sensação de revirar o puzzle para tentar montar a imagem novamente? Acontece nesse caso que ela se desfaz porque não é concreta ou matérica! De fato, ela não existe.

— O todo é a ausência do tempo?

— Talvez por perder o imperativo dos intervalos, das formas conhecidas, das vozes familiares. Sem começo nem fim necessários, crescem as possibilidades de deriva, cresce a capacidade de permanecer.

HIPÓTESE II: COMPORTAMENTOS DA MATÉRIA

— Um trecho de Francis Maulraux, *Colorem*: “Em 1920, o governo Japonês encontra um pequeno caderno, composto por folhas rosa de papel finíssimo, o qual contém escritos indecifráveis e desenhos de maquinários estranhos. A única

Título	As etapas d'A quarta cor	Autor	Ana Maria Maia
Data	2009	Artista	Cristiano Lenhardt
Publicação	MAIA, Ana Maria. <i>As etapas d'A quarta cor</i> . São Paulo: Paço das Artes, 2009.		

leitura possível desse compêndio poderia ser traduzida para o português como: 'Nenhuma luz nessa tela iluminará você'."

— Que bonito. Próximo ao trabalho de que falamos por ser também um vestígio e por posicionar a cor como ato luminoso, que sempre precisará ser emitida e recebida por alguém. Vejo isso claro nas primeiras experiências em desenho, em que a matéria escolhida – seja carvão, grafite ou tinta de gravura – refrata, absorve ou confunde o olho de quem vê. Em todos os casos, existe um pacto de comunicação de duas partes.

— Como o andar do esquadro sobre a régua. Como um desenho a mão livre. Penso a exposição como um arranjo possível em voltas ao pensamento, uma construção de uma história de vários elementos para, através dela, tatear uma reflexão.

FIM

— Adaptações noturnas da mente: "O espécime de *Branquiseas Falitas* foi encontrado nos desertos de regiões de ventos contra-alísios. Devido às adaptações climáticas, a sua flor tornou-se noturna. Conforme as ilustrações de *Triste*, podemos observar que as suas pétalas são compostas por películas transparentes de cor misteriosa."

— A beleza adapta a mente? Educa? Satura? Toda beleza é contemplativa?

— A contemplação limpa o campo. Estabelece o inconstante. A beleza mais me parece uma atribuição.

— Pode ser. Mas de que modo ela se faz imperativa? Que ações coletivas pode provocar? Além da beleza, outra referência bastante utópica costuma nortear o trabalho de que estamos falando, o futuro. Em ambos os casos, existem desejos expressos em sua inviabilidade. Como essas ideias – de beleza e de futuro – e a condição posta para elas podem sugerir ações?

— Porque futuro? Talvez seja melhor tempo. Intemporal. E beleza, não vejo este trabalho tratando disso.

— Como recuperar futuros (no sentido do que poderia ter sido) no passado?!

— Tornando a experiência dele –e para este entendimento podem ser levadas em consideração tecnologia, discurso, beleza – presente, presente, presente, presente